

Literatura e resistência na trajetória de Flávia Schilling*

Susel Oliveira da Rosa

"Estava devorando um livro e de repente me dei conta que estava viva", escrevia Flávia Schilling numa carta produzida nos calabouços da repressão uruguaia em abril de 1975. Flávia Schilling viveu os tempos sombrios das ditaduras, exilando-se no Uruguai com a família logo após o golpe em 1964. Lá militou, foi presa e permaneceu encarcerada por oito anos. Nesse período, investiu na manutenção constante de um "dever revolucionário". Recusou os lugares preestabelecidos, encontrou companheiros possíveis nos calabouços, coloriu o cinza de PuntaRieles - presídio feminino de Montevideú - com linhas de fuga que possibilitaram a manutenção da vida. Inventou, criou saberes outros frente aos poderes que a cerceavam, manteve a "teimosia" revolucionária, teve companheiras de cárcere com quem estabeleceu vínculos de solidariedade e cumplicidade e leu muito, os livros foram-lhe grandes companheiros.

*

Flávia Schilling ficou presa dos 19 até os 26 anos nos cárceres da ditadura uruguaia. De novembro de 1972 a abril de 1980, foram quase oito anos de espera.

Oito anos que tiveram início no "dia zero", dia da "queda": a noite do dia 24 de novembro de 1972, em que ela e seu companheiro, na época, receberam ordem de prisão numa das ruas de Montevideú. Cidade na qual morava desde 1964, pois seu pai (ligado ao grupo de Leonel Brizola) pediu asilo político no Uruguai após o golpe militar e mudou pra lá, com a esposa e as quatro filhas. Na época, Flávia tinha 11 anos e a ditadura uruguaia não havia sido instaurada. Os anos de militância começaram cedo, ainda durante o secundário - nosso atual ensino médio. Com 18 anos, já havia participado da Frente dos Estudantes Revolucionários (FER) e fazia parte dos "Tupamaros" - ou Movimento de Libertação Nacional (MLN) -, grupo político de guerrilha urbana formado no Uruguai nos anos 1960. Entre as ações executadas pelos Tupamaros, ficaram conhecidas as "expropriações" a

* Texto que faz parte do livro "Mulheres, ditaduras e memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante" (SP: Intermeios Cultural, 2013).

bancos e, por vezes, a posterior distribuição de dinheiro, e mesmo comida, aos pobres de Montevideú. Outra ação conhecida dos Tupamaros foi o seqüestro e a morte de DamMitrione, policial dos Estados Unidos que ensinava técnicas de tortura aos sul-americanos - e morou dois anos no Brasil - usando mendigos como cobaias nas aulas práticas.

No final dos anos 60, as Forças Armadas do Uruguai iniciaram uma intensa repressão ao grupo, através de prisões em massa, assassinatos e desaparecimentos de militantes. O ano de 1972 foi o marco dessa ação, pois, apesar de não instaurada ainda a ditadura no Uruguai, a repressão e os "esquadrões da morte" detiveram e destruíram a maior parte da estrutura do movimento com seus militantes sendo presos ou deixando o país. Nesse ano, começou o "dia zero" para Flávia que, ao receber ordem de parar, tentou escapar, jogou em cima do policial a bolsa de roupas que carregava e correu. Foi quando um tiro a paralisou: o disparo do policial uruguaio atingiu seu pescoço. Flávia permaneceu as cinco primeiras semanas de prisão, sem autorização para receber visitas, no Hospital Militar de Montevideú. Nesse período, a única comunicação com o mundo externo eram as cartas, aquelas que chegavam às suas mãos após minuciosa leitura-prévia dos carcereiros.

Após cinco semanas no Hospital Militar, Flávia foi enviada para o Sexto Regimento da Cavalaria, onde começou a rotina dos "interrogatórios", acompanhada dos "translados" entre presídios e quartéis, pois no Uruguai,

o prisioneiro político devia atravessar primeiro o círculo infernal da tortura, onde muitos morreram, e a maioria ficou com seqüelas físicas ou psíquicas. Translados aos presídios, deviam destinar os primeiros tempos à adaptação às duras condições de vida e alijamento de tudo o que pudesse ter um significado para eles. Depois, os anos de desgaste diário, algumas viagens aos quartéis para ser novamente torturado; as doenças provocadas pelas condições carcerárias: toda uma maquinaria a serviço da destruição do ser humano¹.

Para Flávia, a rotina perversa da repressão uruguaia começava: das torturas às permanências prolongadas em calabouços.

*

¹ José Luiz Baumgartner et all. (Os desaparecidos - a história da repressão no Uruguai. POA: Tchê, 1987), p. 184.

Ao falar sobre a resistência na prisão, Flávia Schillingse volta para Foucault dizendo que a base da resistência (e a manutenção da subjetividade revolucionária) se deu mediante à manutenção e reelaboração constante de saberes que questionaram permanentemente as regras do jogo.

Mesmo na prisão, onde as relações são de dominação? Eis a resposta de Flávia:

Agora vou falar sobre a resistência. Fiz no mestrado um estudo sobre a "resistência". Queria saber o que se pretendia dizer quando se falava em resistência. É uma palavra multifacetada, e tentei percorrer a bibliografia existente para entender o quanto se resiste, como se resiste, contra quem se resiste, com quem se resiste. [...] Foucault diz que jamais somos aprisionados pelo poder, podemos sempre modificar essas relações e sua forma cristalizada como dominação em condições determinadas e seguindo uma estratégia precisa. [...] a base da resistência acontece mediante o saber, pelo ato de conseguir produzir um questionamento das regras do jogo².

Resistência que é contemporânea ao poder, tão inventiva e produtiva quanto o próprio poder, lembra Flávia, citando Foucault:

Essa resistência de que falo não é uma substância. Ela não é anterior ao Poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea [...] Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder [...] tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de 'baixo' e se distribua estrategicamente [...] Digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder; podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa"³.

*

² Flávia Schilling. Memória como resistência ou resistência como construção da memória (In: Padrós, E.S etall . A Ditadura de Segurança Nacional No Rio Grande do Sul: História e Memória - Conexão Repressiva e Operação Condor, vol.3 - POA: Corag, 2010), p. 146-7.

³ Michel Foucault. História da Sexualidade, vol. 1 - A vontade de saber (RJ:Graal, 1988), p.241.

Resistência possível com a (re)invenção de saberes, com o traçado de estratégias, com o estabelecimento de códigos - "de olhares, de gestos, de passos" - que fomentaram a vida em meio a um dos inúmeros campos de exceção, em anos que viveram/sobreviveram:

Anos vividos, sobrevividos, que, de certa forma, explicam estas páginas, do começo ao fim. Momento-anos totalmente solitários ou então, cercados de uma fraternidade fundamental. Prisão de mulheres, "moinhos incansáveis", fatigadas. Vivendo conflitos e tensões e construção e criação. Destruição e crescimento. Espaço de 24 horas para histórias, confidências e solidão, choros, risos, ler sozinha e em grupo, estudos clandestinos, ginástica proibida, dormir e viver a insônia, com seu cigarro proibido e leituras ou conversas roubadas à luz do corredor. Conhecer-nos sem falar: estabelecer códigos, muitos códigos: de olhares, de gestos, de passos, de batidas na parede, de assobios, de canções, de palavras capazes de sintetizar uma frase...⁴

Resistências, refúgios, estratégias como a de encontrar num conto de Jorge Luiz Borges a possibilidade de romper com a lógica da repressão:

Só para já contar uma memória da resistência, conheci Borges na prisão política dos anos 70. Naquela época, não se lia Borges - era considerado um autor conservador - em alguns setores da esquerda. Por acaso, caí em minhas mãos, na prisão, uma revista feminina parecida com a *Capricho* ou *Cláudia*, e nela havia um conto do Borges chamado *The are more things*. É um conto de terror que acaba onde geralmente os outros começam. Foi uma experiência literária inesquecível, e assim caí nos braços de Borges e nunca mais o deixei. Essa, por exemplo, é uma **memória de resistência**, porque de alguma maneira, questionando algumas lógicas dominantes, foi possível romper com essa lógica, fazer uma crítica e viver a possibilidade de uma leitura ou interpretação de algo que, para mim, foi a abertura de um mundo que me ajudou a pensar de uma margem diferente⁵.

⁴ Flávia Schilling. *Estudos sobre resistência*. Dissertação de Mestrado/Faculdade de Educação/Unicamp, 1991.

⁵ Flávia Schilling. Memória como resistência ou resistência como construção da memória (In: Padrós, E.S et al. *A Ditadura de Segurança Nacional No Rio Grande do Sul: História e Memória - Conexão Repressiva e Operação Condor*, vol.3 - POA: Corag, 2010), p.144-145.

A leitura de Borges constitui uma memória da resistência, assim como inúmeros outros livros que Flávia lia em PuntaRieles: "Penso que o período de isolamento foi muito difícil. Tive, como companheiros, os livros. Os livros povoaram os silêncios, me enriqueceram diariamente. Foram essenciais para a sobrevivência e para minha vida posterior"⁶ - "estava devorando um livro e de repente me dei conta que estava viva", diz ela em carta de 12/4/1975. Encontros com livros, com autores, com personagens que alimentavam "espaços de liberdade":

Era fundamental a importância de alguns espaços de liberdade... a importância da literatura pra ajudar a pensar, não sei se isso aparece tanto lá, acho que é mais meu mesmo...eu e o meu marido, a gente lê todas as noites, é uma coisa... agora eu to com Amós Oz, 'De amor e trevas', que é maravilhoso... eu sou viciada em Virginia Woolf... adoro, Virginia Woolf [...] Proust, amo... Borges, eu também sou viciada em Borges [...] **enfim, a literatura me acompanha diariamente...**⁷

Leituras possíveis, já que as presas conseguiram montar uma biblioteca em PuntaRieles: "PuntaRieles tinha uma biblioteca: as famílias mandavam e tinha alguém que se encarregava de distribuir. Eu fiz um roteiro uma vez e lembro que eu dei uma geral na literatura inglesa do século XIX na prisão. Foi ótimo"⁸.

Espaços de liberdade possíveis, linhas de fuga necessárias já que você pode "tanto se encontrar na literatura, quanto se dispersar na literatura", como diz Flávia. "Virginia Woolf e seu dom de passar de uma época a outra, de um reino a outro, de um elemento a outro: seria preciso a anorexia de Virginia Woolf? Só se escreve por amor, toda escritura é uma carta de amor"⁹.

Literatura que inventa línguas menores, linhas de vida possíveis, coletivas, afirmativas, devires-outros, faz viver o possível, em lugar de reviver e remoer o real. "O objeto mais elevado da literatura, segundo Lawrence: 'partir, partir, se evadir... atravessar o horizonte, penetrar em outra vida... É assim que Melville se encontra no meio do oceano

⁶ Flávia Schilling. *A história da resistência não deve ser esquecida*. Cadernos IHU/UNISINOS, v.1.

⁷ Entrevista à autora em 21/09/2010.

⁸ Idem.

⁹ Gilles Deleuze e Claire Parnet. *Diálogos* (SP:Escuta, 1998), p.64.

Pacífico, ele passou, realmente, a linha do horizonte"¹⁰, escreve Deleuze situando a literatura como linha de fuga, desterritorialização que faz a vida escapar às limitações impostas pelo "eu" ou pelo contexto oferecido pelos poderes que investem nos afetos tristes¹¹.

E não vamos pensar que traçando as linhas de fuga, renunciamos às ações. "Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga", enfatiza Deleuze. "Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia: só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada. A literatura angloamericana apresenta continuamente rupturas, personagens que criam sua linha de fuga"¹². Personagens de Borges, de Woolf, de Proust, de Amos Óz e tantos outros.

Linhas de fuga traçadas na imobilidade de PuntaRieles e no espaço limitado dos calabouços? Sim, pois que fugir "não é exatamente viajar, tampouco se mover. Antes de tudo porque há viagens à francesa, históricas demais, culturais e organizadas, onde as pessoas se contentam em transportar seu 'eu'. Em seguida, porque as fugas poder ocorrer no mesmo lugar, em viagem imóvel"¹³. O que não garante a coerência, nem a segurança, pois os perigos continuam à espreita, já que a fuga é também uma operação ambígua:

O que nos diz que, sobre uma linha de fuga, não iremos reencontrar tudo aquilo de que fugimos? Fugindo do eterno pai-mãe, não vamos encontrar todas as formações edipianas sobre a linha de fuga? Fugindo do fascismo, nós encontramos concreções fascistas sobre a linha de fuga [...] é justamente isso que só se pode aprender na linha de fuga, ao mesmo tempo em que é traçada: os perigos que se corre, a paciência e as precauções que é preciso ter, as retificações que é preciso fazer todo o tempo para livrá-la das areias e dos buracos negros. Não se pode prever. **Uma verdadeira ruptura pode se estender no tempo**, ela é diferente de um corte significativo demais, ela deve ser continuamente protegida não apenas contra suas falsas aparências, mas também contra si mesma, e contra as reterritorializações que a espreitam¹⁴.

¹⁰ Idem, p.49.

¹¹ Ao considerar todos os critérios/características de uma literatura ("menor"), Deleuze conclui que entre todos que escrevem livros com intenções literárias, poucos são os escritores. Com isso, nem toda literatura que se coloca enquanto tal, é considerada assim pelo autor. Ver mais em: "a literatura e a vida" (Gilles Deleuze. Crítica e Clínica. SP: 34, 1997).

¹² Gilles Deleuze e Claire Parnet. *Diálogos* (SP:Escuta, 1998), p.49.

¹³ Idem, p.50.

¹⁴ Idem, p.51-52.

Reterritorializações que são possibilidades constantes, as quais cabem oferecer novas linhas de fuga - "liberar a ação política de toda forma de fascismo", como propõe Foucault -, pois sobre elas "só pode haver uma coisa, a experimentação-vida. Nunca se sabe de antemão, pois já não tem nem futuro nem passado. 'Eu sou assim', acabou tudo isso. Já não há fantasia, mas apenas programas de vida, sempre modificados à medida que se fazem, traídos a medida que se aprofundam"¹⁵.

Deleuze diz ainda que "o grande erro, o único erro seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma"¹⁶. Produzir memórias para armar, transformar-se em "máquina de guerra" - aquelas que ocupam, preenchem e inventam espaços-tempos lisos de linhas de fuga frente aos espaços estriados de coerção e normalização¹⁷ -, criando "resistências possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, solidárias, irreconciliáveis"¹⁸, estando nas "brechas e interstícios":

"Eu penso estar nas brechas e nos interstícios, nos lugares pouco iluminados pela grande luz da racionalidade. Meu objeto é humilde, rumor, opacidade, algo que talvez não exista, algo que talvez esteja sempre morrendo, sobrevivendo, quem sabe, num olhar, num suspiro, num desejo mal formulado. Daí que as palavras que o retratam sejam assim, redondas, não consigam deter-se, se repetem, e pulam e somem"¹⁹.

*

Após quase 8 anos de "destruição e crescimento, confidências e solidão", em 1980, finalmente Flávia conseguiu retornar ao Brasil. Lembra que o retorno ao país foi difícil para todos: "foi necessário reconstruir a vida em todas as suas dimensões. Creio que foi um

¹⁵ Idem, p. 61.

¹⁶ Idem, p.62.

¹⁷ Gilles Deleuze. *Conversações* (SP: Ed.34, 1992), p. 212.

¹⁸ Flávia Schilling. *Estudos sobre resistência*. Dissertação de Mestrado/Faculdade de Educação/Unicamp, 1991(orientador: Maurício Tragtenberg).

¹⁹ Flávia Schilling. *Estudos sobre resistência*. Dissertação de Mestrado/Faculdade de Educação/Unicamp, 1991.

processo duro, porém exitoso, gratificante, como é qualquer vida. Não houve apoios institucionais nesta trajetória, mas contamos com apoio de alguns amigos que sempre estiveram presentes". Além do exílio prolongado, Flávia sentia-se estrangeira: "houve muita dificuldade, pois éramos "estrangeiros", de mil maneiras, já tínhamos o olhar do "exilado", daquele que estranha o que vê. Muitos códigos eram incompreensíveis e foi um tempo de aprendizagem"²⁰. Estrangeira no Uruguai, estrangeira no Brasil, Flávia conseguiu sair da prisão após uma campanha que começou com o Movimento Feminino pela Anistia do Rio Grande do Sul e se espalhou pelo país e para fora. A ditadura uruguaia permaneceria ainda por mais cinco anos, mantendo encarceradas suas companheiras que continuaram lutando pela vida e pela liberdade:

Nos últimos meses desta prisão, com a mudança da situação externa e da correlação de forças interna (criada, não dada, conquistada, planejada, coletiva, resolvida e decidida) desenvolve-se um aumento impressionante da resistência interna. Todas as normas, todas as regras foram sistematicamente rejeitadas, recusadas. Da negativa ao trabalho à negativa ao uso do uniforme, às saudações, cantos e gritos que marcam o fim da incomunicação interna e externa, que marcam o fim do silêncio...²¹

Enquanto isso, já fora de PuntaRieles, Flávia rejeitava mais um "lugar" que esperavam que ocupasse, o de vítima da violência:

E quando eu saio também, essa situação está posta: 'oh, coitadinha, é vítima de violência'. Eu nunca me esqueço, as pessoas diziam assim: 'bah, como você sofreu!' E falavam, 'eu chorei tanto por você também... eu chorava tanto...'. E eu tinha uma tendência a dizer assim, 'mas eu não queria que tu chorasses por mim'.

Então, esse era um lugar possível também... uma situação que você encontra logo na tua saída da prisão. E é uma situação que te propõe uma série de lugares... e acho que é um pouco a continuidade da tua trajetória que de alguma maneira tem a ver com como você lidou com esses papéis que te ofertaram... o de vítima e o outro, obviamente, seria o lugar de militante partidária.

A publicidade em torno da campanha pela sua libertação, fecunda em vários sentidos, também gerou esse tipo de reação. Reação que ela imediatamente negava, pois esse não era um lugar que desejava ocupar. A subjetividade revolucionária permanecia em

²⁰ Entrevista à autora em 21/09/2010.

²¹ Flávia Schilling. *Estudos sobre resistência*. Dissertação de Mestrado/Faculdade de Educação/Unicamp, 1991.

dever constante - não sou de 'partido', sou de 'movimento' -, e ela também negou o lugar na política que lhe ofereciam:

E eu chego aqui na época de formação do PT. Então, toda aquela coisa, as pessoas diziam 'por que tu não entras de vereadora, de deputada?'. Então, é um lugar na política a que de alguma maneira eu daria continuidade. Então, quando você chega, quando você sai de uma situação de prisão e, no meu caso, saída do país onde eu tava presa também, há alguns lugares. Eu creio que esses dois são os mais evidentes. E nenhum me agradou nunca. Um óbvio que eu já tinha mais claro, o da recusa do lugar da vítima. E o outro do partido... e eu sempre digo, eu nunca fui de partido, eu fui de um movimento. E é muito diferente. [inaudível] Então, o Movimento Tupamaro nunca foi partido²².

*

Parece-me que Flávia busca ao longo de sua vida enfatizar os espaços de liberdade, movimentos, não partidos, nada de organizações que de alguma forma limitem sua ação. Espaços de liberdade/espaços de resistência nos quais a literatura ocupou papel central.

²² Entrevista à autora em 21/09/2010.